

Conflito na praça: embate entre moradores e skatistas sobre os usos da Praça Roosevelt na capital paulistana.

Daniel Ramos da Silva¹

Resumo

Sob inspiração elisiana, sobretudo na obra *Estabelecidos e Outsiders*, em confluência com considerações de André Lemos e Pierre Levy sobre cibercultura, o presente trabalho propõem-se a se lançar sobre o problema da interconexão de conflitos do cotidiano urbano, físico e digital. Levando em consideração maneiras através das quais grupos inseridos em conflitos acessam recursos de poder atrelados à produção e consumo de produtos de opinião pública, dadas às potencialidades da internet e características da mídia massiva. Para tal foi utilizado como janela heurística, na produção do objeto e na proposta de olhar, o embate entre moradores da região da Praça Roosevelt, sitiada na capital paulistana, e skatistas, pelo uso do espaço urbano. No caso – ainda em processo de análise, pela ótica dos produtos de opinião pública produzidos – moradores da região e skatistas reclamam a legitimação de suas demandas sobre o espaço e usos do mesmo, opostos em certos pontos, recorrendo a recursos de poder diferenciados na intenção de agregarem excedente de poder a seus grupos, principalmente no que tangem as decisões e deliberações do cotidiano da praça. Estabelece-se então algo próximo a uma figuração estabelecidos-outsiders, na qual ambos os lados criam e consomem produtos de opinião pública, tanto dentro de uma lógica massiva, quanto pós-massiva de comunicação, com intenção de legitimarem-se enquanto grupo de direito. Entendo como ponto de nexos entre o proposto trabalho e o congresso o fato de que a Roosevelt, que sofrera o reboot físico e agora passa por um aparente vazio simbólico – acredita-se ser esse o caso, uma vez que muito do conflito a respeito da praça perpassa a esfera da nomeação, portanto da significação – é exemplo importante a ser reparado sobre a interconexão entre alguns processos envolvendo espaços físicos, digitais e, principalmente, grupos humanos em trânsito através de ambos esses espaços, o que potencialmente trás expansão ou reconfiguração de

¹ Formado em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília – UnB; Mestrando em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UnB.

horizontes simbólicos, aprendizados afetivos, reformulações na estruturação de práticas sociais e da própria sensação do continuum espaço-temporal do cotidiano.

Palavras-chave:

Cibercultura; Cidade; Conflito

Abstract

This paper, based on the concept of established-outsiders on Norbert Elias and studies on cyberculture of André Lemos and Pierre Levy, intends to observe the interconnection between physical and digital in urban conflicts. Considering ways in which groups inserted into conflict access power resources related to production and consumption of public opinion, in hand of the potential of the internet and mass media characteristics. To this, a confrontation for urban space use between local residents of Roosevelt Square and skaters was used as heuristics window in the production of the object and the proposed look. Locals and skaters claim the legitimacy of their demands for space, opposites in certain points, using different power resources in the intention to aggregate surplus power to their groups, mainly in that concern the decisions and deliberations of daily life in square. Then settles something close to an established-outsider figuration, in which both sides create and consume media products, both within a mass communication logic, as post-mass communication logic, with the intent to legitimize themselves as a group with the right to use urban space of Roosevelt Square. I understand as a point of connection between the proposed work and the Congress the fact that Roosevelt, who had suffered physical reboot and now undergoes an apparent symbolic void - it is believed to be the case, since much of the conflict over the square pervades the sphere of the appointment - is important example to be repaired on the interconnection between some processes involving physical spaces, digital spaces, and especially human groups in transit via such spaces. This traffic between physical and digital spaces potentially have as a consequence an expansion or reconfiguration of symbolic horizons, affective learning, changes in the structure of social practices and the very sensation of space-time continuum in everyday life.

Keywords:

Cyberculture; City; Conflict

Texto

Entre o final do ano de 2012 e início de 2013 a praça Roosevelt, localizada no centro da capital paulistana, foi palco de uma disputa entre dois grupos pela legitimação de suas demandas. A saber, após um longo período de reforma que culminou em um reboot físico e simbólico desse espaço urbano, um grupo de moradores do logradouro se posicionou contrário à permanência de skatistas e suas práticas no local. Sua principal alegação, quanto a esse posicionamento, dizia respeito à segurança dos cidadãos usuários da praça e aos incômodos noturnos sofridos pelos moradores.

Em um primeiro momento, a agência exercida pelos moradores do local trouxe-lhes breves vitórias políticas. Dotados do excedente de poder relacionado à sua posição de estabelecidos, no caso, o carisma de ser mais cidadão, e com maior acesso a reivindicações frente à administração pública, os moradores tiveram sua demanda de proibição da prática do skate na praça atendida por meio da polícia e com respaldo em uma opinião pública favorável, uma vez que as notícias veiculadas nos canais tradicionais de mídia contribuíram para uma adjetivação estigmatizante do grupo reprimido.

Acessando canais alternativos de comunicação, o grupo dos skatistas, que a priori ocupavam a posição de outsiders na figuração que se estabelecera, tratou de promover narrativas a respeito da história da praça e de sua presença no local durante o período de acentuado abandono público – entre as décadas de 1980 e 2000 –, no qual teriam prestado serviço de manutenção do espaço como local vivo e mais seguro do que poderia ser, caso não estivessem presentes. Veicularam junto a isso seu entendimento do que é cidadania, se inserindo nesse que seria o grupo dos macro-estabelecidos, os cidadãos da cidade de São Paulo. O embate que se deu na esfera da opinião pública a partir da veiculação das duas versões de narrativa a respeito do que ocorria na Roosevelt trouxe ao grupo de skatistas excedente de poder, o que implicou em agência e culminou nas negociações mediadas pela subprefeitura da Sé a respeito da permanência ou não da prática do skate na praça.

Uma resolução ao embate foi alcançada provisoriamente pouco tempo depois e chegou-se ao seguinte acordo: a) após as 22hs fica proibida a prática do skate; e b) uma

área seria delimitada para a prática do skate, sem que, no entanto, fosse proibida a prática nas demais áreas da praça, até a conclusão do projeto skate plaza – demanda dos skatistas por uma pista na Roosevelt, de configuração arquitetônica favorável, sendo esse um local já tradicional para o mundo do skate.

Entretanto, a despeito dessa resolução, o embate, pela legitimação das práticas e pela estipulação de quais são os grupos detentores do direito de usufruir o espaço, permaneceu. No começo do ano de 2013, os usos da Roosevelt voltaram à pauta dos produtos de opinião pública com a divulgação de um vídeo – na mídia tradicional e por vias alternativas na internet – no qual skatistas são agredidos por membros da Guarda Civil Metropolitana (GCM) durante o dia, portanto fora do horário de proibição. Independentemente das resoluções mediadas por uma instância do Estado, a figuração moradores-skatistas, compreendida aqui como algo próximo a conceituação de estabelecidos-outsiders (Elias, 2000) se manteve e isso remete a uma disputa por poder de nomeação.

No caso da Roosevelt, contamos com a percepção de alguns agentes importantes nos embates e negociações. Os moradores e os skatistas podem ser considerados os grupos de agentes mais afetados e com maior interesse no conflito. São seguidos do jornalista², enquanto mediador de informação e representante dos canais tradicionais de mídia, e funcionários municipais, mediadores das negociações diretas entre os dois primeiros grupos de agentes. Entretanto apenas os três primeiros grupos serão abordados como sujeitos de interesse para os objetivos dessa apresentação.

Na relação que se vislumbrou na praça problematizada, o jornalista surge como figura que trás em seu repertório discursivo a representação daquilo que se percebe como conceito de cidadania no grupo macro-estabelecido de cidadãos – percepção essa que se configura como recurso de poder carismático e acessado com maior naturalidade pelo grupo de estabelecidos da praça. O jornalista surge também como um guardião destradicionalizado do conhecimento e de narrativas referentes e atualizadoras do arquivo ao qual se referem os macro-estabelecidos ao se posicionarem sobre cidadania. Desprovidos de um mediador em tal posição de empoderamento, o grupo dos skatistas se faz enquanto agente mediador de sua própria percepção de cidadania e guardião de

² Será usado jornalista no singular, ao longo do texto, por se referir à ideia “jornalista” e não a um jornalista, ou equipe editorial específica.

suas próprias narrativas a respeito da história da praça, utilizando-se da internet enquanto canal que possibilita a comunicação sem o crivo do porteiro, para inserir seus contornos de realidade na esfera da opinião pública com intenção de server empoderamento e tencionar-se contra as redes de significados que se entrelaçam na trama da cidade como um novo nó a ser considerado.

Seguindo a trilha que o posicionamento do jornalista e dos skatistas deixa, encontramos a transmutação do conflito da praça em produtos de opinião pública durante sua transposição para o espaço da opinião pública. Nesse sentido, o conflito na praça se desenvolve no espaço urbano e no espaço da opinião pública, no qual as negociações entre as percepções exotéricas do que é cidadania e as narrativas exotéricas sobre a praça se circunscvem.

Estabelecidos, outsiders e a figuração moradores-skatistas

A relação entre skatistas e moradores da região da Roosevelt se caracteriza como algo próximo a uma relação estabelecidos-outsidere. Para Elias (2000), a figuração estabelecidos-outsidere é apresentada enquanto uma relação de interdependência entre grupos humanos, distintos entre si, e desequilibrados no que tange o poder, ou o acesso a recursos de poder. Nessa figuração, um grupo que se apresenta mais coeso do que o outro, devido a motivos histórico-processuais, geralmente concentra em si mesmo maior excedente de poder. O índice mais elevado de coesão por parte do grupo estabelecido garante a ele a ocupação de posições mais relevantes dentro de um espaço social específico e conseqüentemente soma mais possibilidades de agencia ao próprio *establishment*, geralmente utilizada para manutenção da posição do grupo como tal, e manutenção dos de fora dele em seu devido lugar, desapossando-os da possibilidade de alcançarem essas posições, ou cargos sociais, entre outros mecanismos de empoderamento que poderiam modificar a relação instaurada.

O autor define os estabelecidos, ou *establishment*, como sendo um grupo o mais homogêneo possível, que se autopercebe, e que é reconhecido, pelos demais grupos, ou indivíduos que se encontram relacionados a ele sob a lógica dessa figuração, de acordo com adjetivos proclamados, em geral e inicialmente por si mesmos, como uma

sociedade melhor, mais poderosa, guardiões do bom gosto, da excelência científica, das boas maneiras cortesãs e, o mais importante, boa. Um grupo com um modelo moral, qualquer que seja ele, a ser seguido.

Por sua vez os outsiders são definidos enquanto um agrupamento humano heterogêneo, com laços de identificação e solidariedade mais fracos entre os indivíduos inseridos nessa classificação – e tipo de relação –, do que os do grupo estabelecido. Não fazendo parte da boa sociedade, é um agrupamento difuso que não se percebe enquanto unidade, que não se percebe enquanto detentor de práticas adjetivantes que possibilitem e tracem uma identificação e estabeleçam vínculos mais fortes e duradouros entre os indivíduos encontrados dentro dessas fronteiras simbólicas – ou até mesmo que não as tenha –, o que acabaria por classifica-los como grupo.

No caso da figuração de Winston Parva, analisada por Elias, os grupos que constituíam esse modelo de relação não se diferiam em absoluto no que tocam as variáveis corriqueiramente utilizadas nesse tipo de categorização, como classe social, raça, renda e escolaridade. Ao contrário, se aproximavam demais nesses termos. O diferencial de excedente de poder se consolidou por outras vias. Um dos grupos, os estabelecidos, era formado por pessoas residentes na cidade há gerações, já bastante coesos e, inclusive pela ausência de outros grupos disputantes, ocupantes dos cargos sociais de importância e conhecedores natos das regras do jogo social lá praticado.

Em contrapartida, os chamados outsiders, eram formados por pessoas que residiam na cidade há pouquíssimas gerações. Quando houve o movimento migratório dos outsiders para Winston Parva, devido a razões econômicas e empregatícias, os estabelecidos já reproduziam em seu cotidiano um estilo de vida com normatividade específica, que por mais que se assemelhasse a um estilo de vida propriamente inglês, acentuava singularidades de práticas regidas por princípios de identidade próprios àquela pequena comunidade. Assim, quando da chegada do grupo mais novo, seu estilo de vida destoante mostrou-se ameaçador às práticas cotidianas tradicionalmente reproduzidas pelos estabelecidos. O resultado dessa percepção da diferença foi a exclusão quase que sumária dos outsiders das possibilidades de convivência, de sua inserção naquele estilo de vida e dos lugares nos quais ele ganhava forma, ou seja, nos lugares de sua prática. O contato cotidiano entre os indivíduos, pertencentes a ambos os lados da figuração, se reduziu a interações mínimas e em lugares sobre os quais os

estabelecidos não possuíam agência, como a fábrica, a escola, etc. Eles, os outsiders, foram considerados anômicos por não compartilhar da normatividade dos estabelecidos e receberam o selo do estigma.

Na tentativa de naturalizar a posição artificial de subalternidade moral dos outsiders, o grupo estabelecido o adjetivou com características comportamentais presentes na considerada minoria dos piores membros encontrados entre os novatos, enquanto ignorava a existência desse mesmo tipo de comportamento dentre seus membros. Simultaneamente a esse movimento, adjetivaram-se a si mesmos, como detentores das características presente entre a minoria dos melhores membros de seu próprio grupo, justificando-se enquanto moralmente superiores. Por fim, através da rede comunicacional da fofoca, tanto a depreciativa como elogiosa, manteve-se o estigma sobre os outsiders na mesma proporção em que se intensificou, em defesa belicosa, a coesão do grupo mais antigo.

Nesse sentido, a fofoca foi entendida por Elias como detentora de uma funcionalidade relativa³ e fundamental à dinâmica da figuração observada em Winston Parva. Em primeiro lugar por ser recurso de poder essencial na manutenção da ordem ajustada, mantendo tanto outsiders como tal, indesejados estigmatizados, quanto estabelecidos dentro de esquemas de controle rígidos. Em segundo, foi notado que os produtos de opinião pública e entretenimento midiático, consumidos pelo povo da aldeia – como o autor passou a chamar os estabelecidos de Winston Parva –, eram tratados de maneira muito semelhante à fofoca. Como se os noticiários, programas de televisão e cinema fossem ontologicamente semelhantes aos burburinhos.

A fofoca e os demais produtos midiáticos eram parte constituinte e construtiva da realidade cotidiana e da pauta de assuntos interessantes aos moradores da aldeia. Os aldeões, em suas relações, utilizavam-se do mesmo estilo oratório empregado na fofoca, para falar sobre notícias e filmes, o que veio a gerar uma espécie de economia das histórias, abrindo precedentes para competição entre os estabelecidos por posições de destaque enquanto contadores e produtores de narrativas sobre o cotidiano, em outras

³ Para Elias a fofoca tem funcionalidade relativa e só pôde ser empregada do modo que foi, por parte dos estabelecidos, por eles serem um grupo coeso e que se conhecia de longa data, possuindo por isso uma rede comunicacional bastante sólida, enquanto que os outsiders, por serem difusos e pouco coesos, não puderam, ou não tiveram a perspectiva de que a fofoca poderia ser utilizada, mesmo que de forma não racionalizada, pré-reflexiva, enquanto arma de defesa e ataque.

palavras, elegendo-se guardiões de suas próprias narrativas do cotidiano. Ao mesmo tempo, misturadas às notícias locais, a fofoca era central na conformação da opinião dos aldeões a respeito dos outsiders e a respeito de si mesmos, obedecendo a funcionalidade observada por Elias, de vigilância e enaltecimento dos estabelecidos, e de depreciação e estigma sobre os outsiders, os quais não possuíam recursos que os colocava em posição de guardiões de si mesmos, de sua própria narrativa. Quem fabulava sobre o cotidiano dos outsiders eram os estabelecidos.

Como um eco já distorcido do que foi observado por Elias em Winston Parva, a figuração moradores-skatistas não pode ser definida como arranjada entre um único grupo homogêneo e coeso e um agrupamento heterogêneo e difuso, em termos de totalidade. Pretende-se dizer com isso, e sugerir também, que figurações do tipo *established-outsideers* se formam enquanto virtualidade, podendo ser múltiplas e simultâneas, pelo menos no contexto de grandes cidades, ou em contextos nos quais esteja sendo considerado um número bastante elevado de indivíduos. A vida sob um Estado, e o ambiente das grandes cidades, é algo que permite a profusão de maior quantidade de camadas de *habitus* social e uma pendência da balança nós-eu (Elias, 1994), em direção ao “eu”, coisa que ocorre em sincronia com uma permissividade dos indivíduos de identificarem-se com um maior número dessas camadas de *habitus*, de serem, portanto, mais empáticos e integralizarem-se. Por isso, quando se diz que essa figuração apresenta a virtualidade como característica, se quer apontar uma maior flexibilidade e efemeridade para formação, manutenção e transformação desse tipo de figuração (estabelecidos-outsideers), a depender do contexto utilizado como ponto arqui-médico e de quais camadas de *habitus* social estão sendo pré-reflexivamente convocadas nas práticas dos indivíduos, em suas esferas de identificação e empáticas, circunscritas nesse modelo de relação intergrupual.

Os indivíduos integrantes dos dois grupos arranjados sob a figuração moradores-skatistas são, antes de tudo, humanos, em geral brasileiros e em geral moradores do estado e da cidade de São Paulo. Muito embora possam apresentar, a partir daí, um sem número de diferenças atreladas às variáveis como renda, escolaridade, cor, ocupação e postura religiosa, é inegável que se condensam e reconhecem-se normalmente enquanto brasileiros, paulistas ou paulistanos, e estabelecidos, em graus variados de intensidade, a depender de certos contextos ou eventos, condensando-se com isso, um grupo de

outsiders do outro lado, de intensidade variável, e acredito, proporcional. A duração e a coesão intragrupal, seguindo essa lógica, variam de acordo com a dimensão do contingente de indivíduos que formam os lados da figuração e de acordo com a(s) camada(s) de habitus social eleita(s) como estandarte representativo da identidade do grupo autônomo como *establishment*.

A condensação da figuração moradores-skatistas ocorreu no momento em que os moradores tentaram exercer sua agência sobre o espaço público, com intenção de limitar seus usos, se posicionando descontentes com a ocupação do lugar pelos skatistas e suas práticas. Os recursos de poder utilizados pelos moradores foram da ordem de recursos disponíveis para qualquer indivíduo que se reconheça, e seja reconhecido, como inserido na figuração *cidadão*. Recorreu-se ao Estado, na figura da polícia e da administração regional, para o atendimento de suas demandas. Em paralelo, os canais de mídia tradicionais classificaram a ocupação da praça, por parte dos skatistas, como uma “tomada” do lugar, como se os mesmos não fossem detentores do direito de usufruir do espaço público. Assim, nos primeiros dias que se seguiram a inauguração da praça reformada, os indivíduos enquadrados na classificação *skatistas* foram tratados como outsiders, um risco para o lugar e para os demais indivíduos interessados em utilizar a Roosevelt.

Privados da mesma qualidade representativa dos moradores, perante o Estado e os canais tradicionais de mídia, os skatistas estariam em acentuado desequilíbrio de poder, não fossem os recursos de empoderamento e canais comunicacionais alternativos, importantes para o aumento de sua coesão, que encontraram nas mídias de função pós-massiva. Por meio da internet, os skatistas anunciaram seu autorreconhecimento enquanto grupo de direitos sobre os usos da praça, e acessaram os recursos de poder, alternativos, que estavam ao seu alcance. Então por meio de blogs, redes sociais e coletivos digitais, os skatistas somaram coesão e produziram produtos de opinião pública, criando narrativas e acionando o acervo de memória do grupo (Moraes, 2000) que gravita a prática do skate, legitimando sua presença, revelando-se ocupantes tão históricos do lugar quanto os moradores. Lembrando aos demais da importância de sua presença na Roosevelt, durante o período de descaso geral sobre o espaço, como fundamental para que os macro-outsiders não o tomasse por completo. O impacto dessa movimentação defensiva foi o reconhecimento perante certa instância do Estado, de que

a prática do skate e seus praticantes, são cidadãos apossados de direitos sobre a cidade. Como resultado, poucos dias depois da formação do conflito, a subprefeitura da Sé mediou reuniões entre a associação dos moradores e associações de skatistas para que se chegasse a um acordo sobre os usos do lugar.

No que diz respeito à legitimação de práticas na Roosevelt tanto moradores, quanto skatistas se percebem, em algum grau, como *established*, como detentores de direitos sobre o lugar, de carisma elevado e recursos de poder que os coloca em posição vantajosa, especificamente para resolução dessa questão – mesmo que em outras questões se encontrem em posições diferentes nesse tipo de relação intergrupar. Ambos os grupos reconhecem-se como pertencentes à categoria de estabelecidos mais ampla, como cidadãos residentes de São Paulo e com plenos direitos sobre a utilização dos espaços públicos, na mesma medida em que categorizam outros indivíduos, aparentemente difusos entre si, como desapossados desse direito sobre a cidade, sendo esses – os moradores de rua, os usuários de droga, os traficantes, garotas e garotos de programa, etc, eles sim desapossados de poder – uma espécie de macro-outsiders, ou outsiders comuns em figurações de menor amplitude, encontradas no interior de figurações mais amplas, como as figurações regionais e nacionais. Em outras palavras, esses macro-outsiders são assim reconhecidos tanto por moradores quanto por skatistas em sua figuração condensada em torno da disputa pela legitimação de práticas na Roosevelt, sendo a figuração moradores-skatistas pertencente a uma figuração mais ampla, como poderíamos definir a de cidadãos – não cidadãos.

Os acordos feitos sob a mediação da subprefeitura da Sé não encerraram o conflito pelo espaço. Não obstante as resoluções alcançadas, impondo limite de horário para a utilização do espaço para prática do skate e sugerindo locais, dentro da Roosevelt, para a concentração de seus praticantes, o grupo de moradores diretamente envolvidos no conflito, demais utilizadores da praça e consumidores dos produtos de opinião pública, contrários à presença dos skatistas, permaneceram insatisfeitos. A razão disso, para além da permanência do grupo de skatistas, pretende-se sugerir, está relacionada aos desdobramentos oriundos da transposição desse embate para o espaço midiático, tanto massivo quanto pós-massivo.

A Roosevelt, que sofrera o reboot físico e agora passa por um aparente vazio simbólico – acredita-se ser esse o caso, uma vez que muito do conflito perpassa a esfera

da nomeação; e sobre que grupo de indivíduos pode ser considerado como legisladores legítimos do lugar – é exemplo importante a ser reparado sobre a interconexão entre alguns processos envolvendo espaços físicos, digitais e, principalmente, grupos humanos em trânsito por ambos esses espaços. O tempo tecnológico pelo qual passamos atualmente desvela potenciais estilos de vida que se diferem dos precedentes, com expansão ou reconfiguração de horizontes simbólicos, aprendizados afetivos, reformulações na estruturação de práticas sociais e da própria sensação do continuum espaço-temporal do cotidiano. Os desdobramentos do conflito, inerentes a figuração moradores-skatistas, pela legitimação de suas práticas nesse espaço, envolvem questões que atravessam as temáticas do poder, do direito a cidade, da formação de comunidades e grupos diversos, e dos processos de identificação entre indivíduos que compartilham apenas alguns fragmentos de sua estrutura de personalidade, ao mesmo tempo em que não compartilham do mesmo universo de práticas cotidianas.

Bibliografia

BOORSTIN, Daniel. *L'Image*. Union Générale d'Éditions, Col. 10/78. Paris, 1971. Trad. L.C Martino, fotocópia, Brasília, 2003.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L.. Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FLECK, Ludwik. Genese e desenvolvimento de um fato científico. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

LEMOS, André. Celulares, funções pós-massivas, cidade e mobilidade. In Urbe, Revista Brasileira de Gestão Urbana, v.2 n.2 julho/dezembro de 2010, pp. 155-166, <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/urbe>. ISSN 2175-3369.

LEMOS, André; LEVY, Pierre. O futuro da Internet: Em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.